

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL  
PÓS-GRADUAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA  
INTERDISCIPLINAR**

**IZADORA BEATRIZ SIMÃO**

**CAMINHOS E ABORDAGENS ALTERNATIVAS DA MINHA FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL**

**MATINHOS  
2016**

**IZADORA BEATRIZ SIMÃO**

**CAMINHOS E ABORDAGENS ALTERNATIVAS DA MINHA FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar da UFPR – Litoral.

Orientador: Valdo José Cavallet.

**MATINHOS**

2016

**IZADORA BEATRIZ SIMÃO**

Este relatório foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de **Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, UFPR, Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.**

**Almir Carlos Andrade**  
Coordenador do Curso

**BANCA EXAMINADORA**

---

Miriam Lopes

---

Viviane Silva

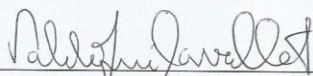
---

Valdo José Cavallet

## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador Professor Dr. Valdo José Cavallet, realizaram em 04 de novembro de 2016 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Izadora Beatriz Simão, sob o título "*Caminhos e Abordagem Alternativas da Minha Formação Profissional*", sendo quesito parcial para obtenção do Título de Especialista no Curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

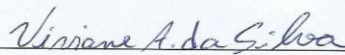
Matinhos, 04 de novembro de 2016.



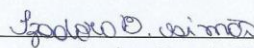
Dr. Valdo José Cavallet  
Professor Orientador



Msc. Mirian Cristina Lopes  
Professora Integrante



Espec. Viviane Silva  
Professora Integrante



Izadora Beatriz Simão  
Estudante

### Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena  
AS = Aprendizagem Suficiente

### Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI = Aprendizagem Insuficiente

### OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



## Sumário

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO.....                                    | 6  |
| 1- As escolas e estruturas sociais.....            | 7  |
| 2- Alternativas para educação transformadora ..... | 13 |
| 3- Visão crítica a educação .....                  | 14 |
| a- Conane.....                                     | 15 |
| b- Escola da Ponte .....                           | 17 |
| c- Escola EMF Desembargador Lima.....              | 18 |
| d- Método de Paulo Freire para alfabetização.....  | 19 |
| e- A UFPR Litoral.....                             | 20 |
| O fim para um novo recomeço.....                   | 21 |
| ANEXOS.....  | 24 |
| REFERÊNCIAS.....                                   | 25 |

## **RESUMO**

Esse trabalho é primeiramente um memorial onde me desenvolveu a capacidade de articular os processos que participei e as questões que me moveram a elaboração dele. Se inicia descrevendo o meu caminho com a educação e mostra as dificuldades em que me deparei e se tornaram maiores por estar em uma escola com ensino padrão e método tradicional. A ausência de um método individual a cada aluno desvaloriza o modo de ser de cada um. É apresentada a importância da identificação do estudante com o método que vai desenvolver seu entendimento. E ao decorrer dele a minha evolução pessoal sobre o método de ensinar, meu entendimento real sobre o método tradicional e o que isso ressignificou em minha vida, despertando um conhecimento assim efetivo e uma paixão pelas maneiras de “aprender” e “ensinar”. Nessa trajetória são citados educadores que não só os conheci como referências como os cito no decorrer que os conheci, assisti em palestras e troquei experiências de formas alternativas através de rodas de conversas na UFPR Litoral, e mails, e por palestras ao longo do curso e na Conferência do Conane 2016 que me trouxeram a base para adquirir minhas próprias ideias e me fazer capaz de ter autonomia em criar o meu próprio conhecimento.

Palavras chaves: Educação, Método tradicional, conhecimento.

## **SUMMARY**

This work is primarily a memorial where I developed the ability to articulate the processes I participated in and the issues that moved me to elaborate it. It begins by describing my path with education and shows the difficulties that I have come across and have become greater by being in a school with standard teaching and traditional method. The absence of an individual method for each student devalues the way of being of each one. The importance of student identification with the method that will develop their understanding is presented. And in the course of it, my personal evolution on the method of teaching, my real understanding of the traditional method, and what it has reconfigured in my life, awakening such an effective knowledge and a passion for the ways of "learning" and "teaching." In this trajectory, educators are mentioned who not only knew them as references but also mentioned them in the course of the course I met them, attended lectures and exchanged experiences in alternative ways through conversations in UFPR Litoral, and mails, and through lectures throughout the course and At the Conan 2016 Conference that brought me the basis for acquiring my own ideas and making me able to have autonomy in creating my own knowledge.

Keywords: Education, Traditional method, knowledge.

## 1. INTRODUÇÃO

Escrever este memorial de formação foi um grande desafio, pois caminhei em busca do meu passado que estava adormecido, com a intenção de trazer a luz à compreensão dos determinantes sociais que constituíram a minha formação educacional e profissional, me dispus ao desafio de reconstituir a minha própria história. Isso foi possível pela construção de um Memorial da minha História de Vida, onde relatei fatos, os refleti e ao final do processo os ressignifiquei.

O Memorial de Vida é uma ferramenta capaz de potencializar processos de ressignificação de experiências que no passado foram entendidas, enquanto fatos verídicos, imutáveis e unilaterais. Dado o contextualizado, ao longo deste trabalho, relato fatos refletidos e ressignificados que, entre outros, deram sentido, significado e entendimento a diversos aspectos da minha vida, o que apontou para novas compreensões do social.

Nasci na cidade de Curitiba, no ano de 1991. A primeira filha de meus pais, Aziz meu pai 32 anos, advogado criminalista e Rosana, minha mãe 23 anos naquela época ainda sem formação. Casal jovem, recém-conciliado pela minha chegada, porém em uma relação ainda conturbada por meio de muitos desafios financeiros (emprego e moradia instáveis), imaturidade e instabilidade emocional, fizeram muitos esforços para me criarem juntos. Vim ao mundo sem ser uma gravidez planejada, mas trouxe alegria a um lar que se apresentava triste, pela morte da minha avó e pelos machucados causados nas experiências vivenciadas pelos meus pais antes da minha chegada.

Aos poucos, meus pais se organizavam, e amadurecia, meu pai já trabalhava como advogado e graças ao seu trabalho e a determinação da minha mãe venceram muitos desafios juntos, conseguiram comprar uma casa própria, e ao longo dos anos a situação financeira melhorou. Quando tinha três

anos de idade minha mãe engravidou novamente, e logo comecei a frequentar a escola.

A construção do Memorial de Vida me proporcionou indentificar os contextos sociais em que a minha família foi inicialmente construída, reflexões que potencializaram caminhos de análise para que eu pudesse compreender melhoras contradições, os mecanismos de transmissão, as adversidades, as disposições e os desafios que permearam a minha história.

Dessa maneira, dividi esse trabalho em quatro capítulos, onde inicio apresentando a minha experiência no processo de socialização escolar, na sequencia trago a relevância da criatividade enquanto ferramenta que potencializa a aprendizagem, no capítulo seguinte, contextualizo minha aproximação a perspectiva crítica com relação ao mundo da educação e finalizo apresentando considerações sobre a importância dos novos projetos societários educacionais para uma formação profissional mais humana.

## **1- AS ESCOLAS E ESTRUTURAS SOCIAIS**

“Há escolas que são gaiolas”. Há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo”. (Alves, 2011)

Desde o princípio estudei em escolas particulares com metodologia tradicional. Meu primeiro contato com a alfabetização foi com sete anos de idade, e teve início no primeiro dia de aula da primeira série (1998). São poucas as lembranças que tenho dessa fase da minha vida: recordo-me da minha professora da primeira série, que me ensinou a ler e escrever, depois disso, da professora do próximo ano, a quem eu sentia grande afeto, não só a ela como ao gosto pela literatura. Passava os intervalos lendo, e com nove anos escrevi um livro. Um “livrinho” com aproximadamente 60 páginas, com várias histórias que eu criava. Sempre tive uma imaginação única, era muito importante registrar o que pensava. Depois do livro, eu tive um diário, dos nove



aos 13 anos de idade. Meus pais sempre apoiaram e valorizavam o que eu fazia, com muita expectativa acreditando em mim e em meu potencial.

Identificava-me com a metodologia inserida na escola até a terceira série, correspondia às tarefas e o aprendizado que eles queriam passar. No quarto ano do primário, começou a ser perceptível minha dificuldade em corresponder às tarefas e assimilar o modo como eram colocadas. Lembro-me da minha professora dizendo a minha amiga para me deixar prestar atenção porque tinha mais dificuldade que ela. O método se limitava em atividades de cópias, ditados e memorizações, como por exemplo, a tabuada. No ano de 2000, estava na sétima série, e naquele ano era evidente a minha dificuldade para absorver todas as informações em sala de aula. Não era mais aquela aluna criativa e não sentia alegria em aprender pelo caminho que a escola me dava, fui perdendo o afeto por meus professores e o entusiasmo pela escrita. Quando não entendia a matéria sentia vergonha de fazer perguntas em frente aos colegas, algo geralmente comum a uma criança quando sente que não está acompanhando a turma, sentia medo de ser repreendida por todos ali, e os professores se mantinham indiferente àquela situação, mesmo ela sendo visível, pois estavam focados em manter o controle de uma sala de aula mantendo os alunos sempre como receptores passivos. Com isso, minha mãe me levou ao neurologista que fez uma análise do meu histórico até ali, e com base aos sintomas como falta de atenção, desorganização e dificuldade na aprendizagem e fui diagnosticada como portadora do déficit de atenção TDHA.<sup>1</sup> Para muitos é um transtorno que teria de ser tratado com o remédio Ritalina, uma medicação tarja preto, mas com mg relativas ao peso de cada um que usa a medicação, no meu caso era com a menor dose. Existem muitos pós e contra o uso desse remédio, mas posso afirmar o que senti na pele fazendo o tratamento de uso contínuo uma vez ao dia que não duraram três meses. Para render horas de estudo ele funcionou, conseguia sentar em uma cadeira e ficar lendo e resolvendo exercícios durante horas, com isso as matérias que possuía dificuldades minhas notas aumentaram, mas não foi o suficiente para que eu

---

<sup>1</sup> O TDHA significa: Transtorno de Déficit de Atenção, um transtorno de comportamento onde que causa dificuldade de se concentrar em algo por muito tempo, falta de atenção, desinteresse, inquietude, impulsividade. Ele geralmente se desenvolve na infância e tende a acompanhar o indivíduo durante toda a sua vida. ele causa falta de atenção, desinteresse, inquietude, impulsividade.

fosse aprovada sem uma recuperação e mais tarde no primeiro ano do ensino médio vir a reprovar nelas. Durante o tratamento não sentia fome, logo emagrecia e a dose ficava muito forte, então o remédio me deixava deprimida por ser um dos seus efeitos colaterais. Essas mudanças no meu comportamento não eram tão evidentes para os outros, mas eu me sentia triste, me isolava durante as aulas e depois era difícil conseguir interagir com os colegas, digamos que o remédio me dava o gosto por resolver aquela quantia enorme de tarefas mas me mantinha em um "quadrado". Por sentir que a medicação modificava minha personalidade decidi romper com o tratamento. Minha mãe até hoje acredita que os sintomas são “coisas da minha cabeça” e que deveria continuar o tomando, mas estava decidido. Depois desse episódio o estímulo que encontrava na escola era me esforçar para estar dentro do modelo de aluno padrão junto com minha classe, pois na pedagogia tradicional para garantir um futuro “bem sucedido” era fundamental que se concretizasse o ensino médio, e depois a faculdade, não haveria melhor opção, ou outra apresentada. Sentia curiosidade e vontade de conhecer lugares e culturas distintas, mas isso não era levado em consideração e nem importante para a instituição em que eu estudava e as demais instituições de abordagem padrão, para eles o aluno até o ensino médio não é reconhecido como alguém que possa ter voz ou saber algo relevante para ser levado a um pensamento que difere o que já estava formado. E assim, com pouca idade e a única experiência de vida profissional sendo baseada na escola teria de escolher algo para fazer o resto de minha vida. A escolha foi então influenciada pelo meu histórico no colégio e dificuldades, com minha pouca experiência usava como critérios não querer enfrentar novamente as matérias exatas, e também gostaria de encontrar algo que me levasse a situações fora da minha realidade por esses motivos escolhi prestar vestibular para o curso de Serviço Social. Hoje percebo que o curso que escolhi me trouxe conhecimentos que não estavam “presos” em livros e teorias. Na parte teórica estudamos a realidade da sociedade em situação de vulnerabilidade, a falta de políticas públicas para suprir o deficit de oportunidades para esses indivíduos, a ideia era esclarecer pré-conceitos do senso comum que através de trabalhos voluntários fossemos se aproximando da realidade. No terceiro ano de faculdade, comecei a fazer estágio na Defensoria Pública do Paraná, trabalhei na instituição pelos dois

últimos anos da faculdade. Fazia atendimento direto com o usuário, exercia a escuta qualificada, fazia avaliação sócio econômica, orientava e explicava aos assistidos quanto aos seus direitos e fazia encaminhamento para outros órgãos. Por sempre ter sido uma pessoa dinâmica, o estágio prático era mais prazeroso para assimilar o conteúdo dado em sala de aula, com isso foi possível reconhecer um modo de aprender em que tinha mais facilidade. A minha dificuldade em aprender já não era como na escola, pois o modo com que os professores interagiam com os universitários era um espaço um pouco mais democrático, a metodologia de ensino era mais aberta a mudanças e consenso entre a turma por julgarem que nós já eramos pessoas adultas e por isso tínhamos o direito a palavra. Isso foi uma diferença notável da escola para faculdade. Na faculdade não posso dizer que não foi citada a existência de metodologias alternativas para aprender, mas algo muito raso, pois não é a metodologia com que eles abordam a instituição, logo não é favorável nos despertar uma visão crítica em cima de um modelo de ensino que não utilizam. Por isso apenas no ano de 2015 quando comecei a cursar a pós-graduação na Universidade Federal do Litoral do Paraná, em “Questão Social na perspectiva interdisciplinar”, que fui motivada a refletir sobre a metodologia padrão aplicada nas escolas.

Hoje estou no método da instituição da Universidade Federal do Litoral do Paraná onde o seu projeto político pedagógico é totalmente diferente do método pedagógico tradicional que segui por toda a vida. Neste projeto educacional propõe “conhecer e aprender; propor e agir.” Isso significa que potencializa o estudante relacionar a sua realidade cotidiana às condições históricas em que se construiu e as várias condicionalidades que se apresentam na sociedade. Dentro desse método me vejo com um aproveitamento muito mais satisfatório do que é apresentado.

No momento que estamos reunidos no espaço que estudamos, realizamos atividades em grupo, somos instigados a realizar reflexões mais aprofundadas, organizamos rodas de conversas e debate, somos motivados a ter voz e a partilhar nossas próprias experiências. Temos valor e somos compreendidos enquanto importantes na construção da sociedade.

São variadas as ideias e experiências pelo fato de que o curso é formado por estudantes de formações distintas. Dessa miscigenação de pontos

de vista e através desses processos de libertação e autonomia, a pós-graduação nos trás a oportunidade de ampliarmos nossa visão de mundo, nos impulsiona ao aprofundamento teórico e ao comprometimento com a pratica em nosso meio. E foi a partir dessa postura éticapolítica e desse projeto de emancipação, pude compreender os por quês da minha trajetória de vida, aprofundar em um conhecimento que realmente me identifico e pela primeira vez lançar-me a compreensão de novos modos de aprendizado.

Ano passado, a partir de setembro tive uma experiência como Assistente Social no Lar Escola em Colombo, uma instituição filantrópica, onde as crianças são acolhidas para estudar em período integral por critério de vulnerabilidade social, (pessoas que vivem a margem da sociedade, excluídos por sua condição financeira). Como profissional do Serviço Social na escola, tinha o papel de fazer a visita domiciliar<sup>2</sup> a casa das crianças e selecionar as que iriam preencher as poucas vagas disponíveis para estudarem na escola. Meu trabalho era muito interessante, porém limitado somente a essa função de forma que se tornou mecânica. Pois por mais que conseguisse ter um olhar de Assistente Social, pudesse ter percepção da situação apresentada, dentro da escola, ou seja, pelo meu trabalho não poderia exercer novos métodos para encaminhar a situação além de selecionar se aquela criança poderia ser escolhida ou não para estudar no Lar Escola Luciane.

Observei o método pedagógico que se aplicava aos alunos e presenciei casos de discriminação da pedagoga diretora da escola desencadeando o das professoras. Um menino de apenas 10 anos, rotulado com déficit de atenção de hiperatividade (TDH) muitas vezes era chamado à diretoria, um lugar sombrio a olhar dos alunos, e a criança chamada a comparecer lá era mal vista por todos que faziam parte da escola. O modo com que a pedagoga o abordava jamais faria o menino sentir vontade de continuar seus estudos, e a equipe multidisciplinar chegou a conclusão de que por ele ter esse déficit não poderia fazer o período integral, sendo excluído das aulas extra curriculares e sendo diferenciado dos demais. Com meu olhar de Assistente Social procurei interferir no caso e inserir minha visão, pois também

---

<sup>2</sup> Visita domiciliar é uma técnica norteada pelos princípios éticos- políticos de realizar uma visita marcada com antecedência a casa do assistido com intuito investigativo usados por profissionais do Serviço Social para conhecer a realidade dele em seu espaço familiar.

fazia parte da equipe, mas tinha recém chegado ficou claro que eles tinham um padrão a seguir e seriam resistentes a mudanças na sua metodologia. Lembrei-me de quando era criança naquele menino, e vendo o modo como a diretora o abordava parecia que entendia exatamente o que ele pensava, e como estava sendo mal interpretado pelo seu comportamento. Essa é mais uma criança que já aos dez anos de idade é rotulada na escola como um aluno desinteressado e sem educação, o faz acreditar ser uma pessoa que não é boa para os estudos. As lembranças da minha história de vida, que vieram à tona, frente aos alunos que passam pela mesma situação que já enfrentei, foi o ponto decisivo para que eu decidisse estabelecer como objeto de estudo a compreensão dos processos de socialização e de aprendizagem escolar visto que a possibilidade de novo olhar sobre o pedagógico já havia sido me apresentada na pós-graduação.

A fim de me somar as histórias destas crianças (rotuladas de incompetentes, para quem busco efetivar direitos) busquei visualizar outros caminhos de aprendizado, que não tenham apenas um tutor no centro das informações. Partindo desse pressuposto, fiz uso dos módulos na pós-graduação, dos encontros mensais, coletivos e individuais com meu mediador e das leituras referenciais indicadas a fim de responder as seguintes questões: .Quais são os caminhos e abordagens alternativas as tradicionais, que potencializam a formação cidadã e profissional? Quais metodologias e estratégias podem contribuir para a formação de profissionais mais humanizados? Como informar e trabalhar junto às famílias a existência de novas formas de aprendizagem?

Questões essas que me levaram a construir esse trabalho na intenção dar retorno à sociedade da oportunidade que tive de cursar essa graduação em uma universidade pública e, entre outros, oferecer aos profissionais de Serviço Social e a outros profissionais que trabalham na educação um material de suporte para que possam conhecer e pensar novas alternativas para o trabalho na escola.

## **AS PRIMEIRAS NOVAS DESCOBERTAS...**

### **2 - ALTERNATIVAS PARA A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA**

2.1 - A pedagogia tradicional exercida na grande maioria das escolas foi criada na segunda metade do século XIX e permanecem na atualidade (na maioria das escolas) como a única forma válida para se aprender: Alunos separados por faixa etária, separados por turmas em salas de aulas distintas; Aulas apresentadas nos mesmos formatos, reproduzindo há décadas o foco de preparar o aluno para ser aprovado no vestibular e no mercado de trabalho; Professores comprometidos em cumprir parâmetros curriculares e indicativos do âmbito nacional, sendo ele em uma sala de aula, o único detentor de informação e conhecimento válido e, o aluno apenas como receptor de informações (um ser passivo e vazio de conhecimento próprio). Uma lógica reproduzida com frequência que gera a formatação e a limitação do sujeito humano.

Nessa visão ortodoxa e conservadora, exige-se que todos os alunos mantenham o mesmo comportamento dentro da instituição; mesmo tempo de oferta para aprendizagem para todos (os que não acompanham, pensam ou age diferente são discriminados e ignorados em suas particularidades, pelos demais colegas e professores), Com isso, os alunos com dificuldade são desmotivados a aprender e excluídos do ensino, se sentem como se estivessem no “lugar errado”, ficando propensos a se aproximar das ruas, por se sentirem mais familiarizados e queridos do que na escola.

“Trata-se de uma concepção e umas práticas educacionais que persistem no tempo, em suas diferentes formas, e que passaram a fornecer um quadro diferencial para todas as demais abordagens que a ela se seguiram. Como se sabe, o adulto, na concepção tradicional, é considerado como homem acabado, “pronto” e o aluno um “adulto em miniatura”, que precisa ser atualizado. O ensino será centrado no professor. O aluno apenas executa prescrições que lhe são fixadas por autoridades exteriores “(Mizukami, 1986)

O correto havia de ser a mudança consecutiva no método de ensino para que fosse possível passar a cada aluno a assimilação do conteúdo. Afinal, para a construção de um novo modo de aprender necessita de um novo modo de ensinar. No Brasil o professor é o ponto central de qualquer ensino, é a partir dele que a escola poderá ser mudada. Acredita-se que o professor precisa mudar sua postura de autoridade em sala de aula, mantendo uma relação de companheirismo com os alunos, provoca – los a inteligência, a curiosidade para que o aluno pergunte, e essa será a situação certa para ensinar. A nota que o aluno mostra na prova não revela quem ele é, questiona se assim a reprovação do aluno de ano pelo fato de não atingir a média estabelecida, sendo que irá retornar no próximo ano as mesmas aulas, ao mesmo modelo que ele não se adaptou, tendo que usar o método decorativo que é uma memória em curto prazo para realizar as provas.

### **3 À VISÃO CRÍTICA A EDUCAÇÃO.**

*“Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.  
O que elas amam são os pássaros em voo.  
Existem para dar aos pássaros coragem para voar.  
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque  
o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser  
ensinado. “Só pode ser encorajado”.*

(Rubem Alves, 2011)

Um caminho inovador para a educação, onde as pessoas podem colocar no mundo as suas verdades, construir a própria autonomia de conhecimento, se permitir escolher, ou até mesmo criar o caminho que quer seguir de acordo com uma reflexão real da sua vida. Através de meios coletivos de expressão o professor mantém um espaço aberto, para que cada aluno possa desenvolver e compartilhar de sua criatividade, habilidades entre outras qualidades que criam ao aluno sua assimilação própria ao assunto tratado. Mas não é comum que pessoas formadas em ensinos tradicionais pensem e/ou busquem novas formas de desenvolver conhecimentos e de “ensinar” novos modos de aprender, pois para isso precisam passar por métodos que provoquem novos pensarem, novas percepções de mundo. O

padrão é que professores reproduzam o que aprenderam do mesmo modo como aprenderam. Então se a posição inovadora não é comum e se a educação formal (tradicional) se apresenta insuficiente para dar respostas efetivas a necessidade apresentada na escola anuncia-se e se comprova na realidade que uma educação inovadora deve ser buscada. Dito isso, compartilho as novas experiências em Educação que anunciam amplas possibilidades para a mudança que esse campo tem exigido:

#### **a. CONANE**

Primeiramente vou citar o Conane (Conferência Nacional de alternativas para a educação) que surgiu através de educadores com os mesmos ideais de luta por uma nova educação viva e democrática. O primeiro Conane ocorreu em Brasília em 2013, um evento que esperava ser relativamente pequeno, com o intuito de os educadores se conhecerem, porém todos os integrantes foram extremamente surpreendidos de uma forma muito positiva pela quantidade de pessoas que compareceram em busca de uma nova educação. Por essa busca foi formada uma rede de troca de experiências e ideias divulgadas o máximo possível aonde tivessem a oportunidade de expor.

Participei do segundo Conane nos dias 12 a 14 de maio de 2016 para aprender um pouco mais sobre metodologias alternativas na educação, e foi uma experiência incrível de conhecimentos que me permitiram traçar uma analogia de quando e como poderiam ter início as abordagens alternativas de aprendizado na vida de alguém.

A Conferência me fez sair da minha zona de conforto e me levou a conhecer inúmeras pessoas que se determinam a sair da sua zona de conforto todos os dias e fazer da sua vida uma busca constante pela emancipação da educação nas escolas e lutar pela educação com o objetivo de formar cidadãos que tenham autonomia, façam o que é melhor para eles mesmos, e preparar o amanhã para as crianças. É um trabalho extremamente importante e só quem se disponibiliza a estar junto e fazer parte dessa luta entende o quão isso faz parte das nossas vidas e reflete no futuro de todo nosso país.



Foram inúmeros profissionais de áreas diferentes que falam sobre a educação alternativa de uma maneira muito natural, e aberta, que me fez sentir que a frustração e culpa pelas dificuldades no aprendizado desaparecem, por naquele momento existir um esclarecimento do caminho que as coisas acontecem. Somente depois do terceiro dia assistindo as palestras me senti a vontade em escrever nesse trabalho sobre o meu diagnóstico de TDH, por ter ouvido, debatido e adquirido informações de muitas pessoas totalmente bem resolvidas contarem suas experiências sobre isso.

Incrível como dentro da nossa educação não é conversado sobre pessoas que possuem um comportamento além do ideal para o “padrão”, ser diferente dele é como se você fosse “esquecido” dentro de uma sociedade. Além do TDHA Isso inclui também o homossexualismo, machismo entre outros preconceitos, conhecimentos de mundo que deveriam ser esclarecidos e debatidos pela escola, mas são tratados como “tabu”, algo vergonhoso.

Outro exemplo citado é o de reprovação, repetir um ano na escola, motivo de vergonha ao aluno dentro do ambiente da educação padrão. Sendo que o que ele precisa para continuar os estudos é algo que inove o interesse dele nos conteúdos que estão sendo passados. Esse assunto de reprovação foi prolongado também com o questionamento de que: Essa é a solução para que o aluno aprenda? Essa decisão o ajudaria a se adaptar com o padrão a seguir ou seria para “castiga – lo”? Pois se o aluno não se adaptou naquele ano com a maneira que o aprendizado foi passado, se repetir o método no próximo ano será eficaz? É citado também o questionamento de que o conteúdo ensinado em sala de aula e cobrado em uma prova será mantido na memória em um curto prazo, acredita se assim que não estará sendo algo realmente efetivo para educação do aluno.

A seguir passo um pouco do conhecimento que uma das palestrantes citou sobre aprendizado:

“Tudo começa na educação infantil, onde a criança deve ser vista de modo integral, com suas questões cognitivas, emocionais e sociais completamente associadas. Pois a criança desde que nasce até os seus três anos possui uma mente absorvente inconsciente, dos três aos seis anos a mente já absorva de modo consciente (fazem perguntas, tem curiosidades). Na escola muitas vezes aquela atividade, apresentação que parece banal, para

criança se transforma no seu processo de desenvolvimento. A metodologia padrão na Educação Infantil pode ser identificada no momento em que a criança está vindo cada vez mais cedo para o primário, desde cedo frequentando uma sala de aula com lugar fixo para sentar, o uso do “porque não” pelos professores para os questionamentos do aluno, cobranças de comportamento que não cumpridas resulta em recursos considerados não nobres como: Castigo, cantinho da disciplina ou do pensamento. Enfim, procedimentos que já liberam na criança aquela sensação de ter de seguir um padrão e reprimir seu desenvolvimento natural, sua liberdade para expressar suas emoções. Esse modo de repressão libera na criança substâncias como cortisol (aumenta pressão arterial, altera sono e humor”).

“Por outro lado, podemos incentivar nas escolas, abordagens alternativas no momento em que a criança interaja com o professor, criam espaços educativos, passeios ao bosque, no momento de ter de ser rígido com elas usar recursos nobres como: O diálogo, o acordo a negociação, metáforas, reciprocidade, vínculo, busca de informações, exercer a troca, tempo juntos, compreender a demanda por trás do comportamento. Esses recursos induzem o cérebro a liberar ocitocina que nos passa aquela sensação de satisfação de conquista (PALESTRANTE A)”.

Todas essas pessoas que vieram falar no espaço são inspiradoras por amar o que fazem e procuram evoluir cada vez mais nesse processo de luta a uma educação melhor para o futuro, me identifiquei nessas pessoas por ver que elas acreditam na educação para efetivar o aprendizado por já terem também vivido a frustração da educação padrão e por isso saberem o quanto as crianças e adultos estudantes são prejudicados e ficam ultrapassados por não conhecerem e participarem dessa mudança.

#### **b. A ESCOLA DA PONTE**

Essa escola é uma instituição pública de ensino em Portugal localizado a 30 quilômetros da cidade do Porto, criada pelo educador José Pacheco, em 1976. Acredito que tenha sido um enorme desafio conseguir realizar esse seu sonho, pois quando ele chegou à escola, encontrava-se em uma situação precária, com alunos com uma faixa etária de 15 anos, ainda analfabetos, tradicionalmente rebeldes, agressivos aos seus professores entre outros fatos conturbados. Para que Pacheco e as outras duas professoras que se dispuseram a lidar com esses jovens conseguissem passar algo a eles, tiveram que estudar muito outras formas de ensinar. Quebraram as paredes da escola

para manter um ambiente único. No início como não sabiam fazer de outra maneira continuava a dar aulas, mas todas as quarta feiras da semana buscavam aprender pelo método de observação e ouvindo como que cada aluno aprendia com mais facilidade, ao fim de três meses foram construídos materiais para trabalhar com diferentes abordagens. Foram criadas 25 metodologias de alfabetização do professor “Zé” (como gosta de ser chamado na escola) para que alguma provocasse curiosidade aos alunos, e que eles viessem a questionar o que o professor diz. O que os moviam a fazer todo esse procedimento era o amor, a paixão pelo desafio de ensinar pessoas, eles conseguiram alfabetizar todos os alunos e mais tarde os avôs, mães de alunos que começaram a procurar a escola para também aprender a ler e escrever. O projeto foi conhecido pelo mundo todo e rompe com o modelo de estrutura e funcionamento padrão e tem como intuito “fazer a ponte”, ou seja, cada um passar o que sabe ao outro, o aluno que aprendeu ensinar o que ainda não sabe ensinar quem queira aprender dando continuidade ao ciclo. Mas mesmo com a melhoria dos alunos diante a escola, ainda existiam pais de alunos e professores da escola que eram resistentes a essa mudança na metodologia, por não a compreenderem o porquê disso. José Pacheco e os outros professores que lutavam pela mudança em primeiro lugar respeitavam a opinião dos demais, e aos poucos iam procurando expor suas ideias e motivos para querer mudança dentro da instituição.

Dez anos depois que a escola estava funcionando o ministério da educação descobriu que a metodologia de ensino da escola da ponte fugia dos padrões da pedagogia tradicional decidiram que a escola seria fechada, mas a comunidade se colocou a frente da escola, e José Pacheco e os integrantes da escola omitiram o método para que a escola continuasse acontecendo.

### **c. ESCOLA EMEF DESEMBARGADOR AMORIM LIMA**

A escola EMEF Desembargador Amorim Lima, foi fundada em 1956, porém só em 1996 a escola passou por mudanças significativas para melhorar o nível de aprendizado e convivência, que estavam baixíssimos pelo fato de indisciplina e ausência dos alunos em sala de aula. Para que isso mudasse a escola teve que deixar os muros da “pedagogia predial” e construir se como um lugar de liberdade, para isso foi criado um novo projeto pedagógico, inspirado

na Escola da Ponte em Portugal, ele se fundamenta em autonomia moral e intelectual, respeito, solidariedade e democracia sempre com o intuito de capacitar, e desenvolver formas de aprendizagem que tragam identificação ao indivíduo. Para que acontecesse foi fundamental o apoio e participação dos pais dos alunos, professores e da comunidade na vida da escola como voluntariado ou de apoio institucional financeiro, para que a escola pudesse chegar poder oferecer oficinas de Cultura Brasileira, roda de conversas, atividades extracurriculares e com isso despertar o interesse do aluno a voltar para a sala de aula.

Os níveis de aproveitamento e frequência dos alunos aumentaram significativamente e foi aprovado o projeto pela Secretaria Municipal de educação e coerente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), graças a esse projeto os alunos da Emef Desembargador Amorim Lima tem o privilégio de aprenderem de uma forma muito diferente do que se conhece nas escolas públicas tradicionais. Descobri que existem muitas outras maneiras que ainda pretendo conhecer.

#### **d. MÉTODO DE PAULO FREIRE PARA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS**

Paulo Freire também em 1946 iniciou um trabalho de alfabetização com adultos onde ele acreditava que sua teoria de alfabetização a adultos estaria relacionada ao cotidiano do trabalhador, teoria que ficou conhecida como “Teoria Paulo Freire”. Sua teoria foi a um Congresso Educacional no Rio de Janeiro em 1958 dois anos depois em Recife através de um Movimento de Cultura Popular Paulo Freire desenvolve seu método de alfabetização a adultos a trezentos trabalhadores dentro de 40 horas. A formação de sua metodologia para que esse aprendizado fosse concretizado se inicia com a crítica do sistema tradicional de repetição de varias palavras “soltas” sem nenhum sentido que provocasse identificação do indivíduo com o que esta aprendendo. Deixando assim um conhecimento vazio e de fácil esquecimento. Ele iniciou sua metodologia com palavras fundamentais para a vida de cada trabalhador ali presente. Palavras que faziam parte do vocabulário dessas pessoas e que elas eram capazes de reconhecer o seu significado sem saber ler e escrever, como por exemplo: “Favela, fila e vila”. “Salário, trabalho” e assim por diante. No decorrer que o aprendizado evolui, ele ultrapassa as

expectativas de somente o “ler e escrever”, é formado uma roda de conversa entre educadores e educandos levando a todos uma conscientização de problemas sociais e reconhecimento do mundo.

#### **e. A UFPR LITORAL**

O projeto Político Pedagógico da UFPR do Litoral é diferenciado, sua base é a inclusão e desenvolvimento educacional e social das sete cidades litorâneas, com cursos de graduação e tecnologia voltados para o desenvolvimento local, que inclui a participação da comunidade como um todo, incluindo-a em projetos, pesquisa e curso de extensão que buscam a melhoria territorial.

O PPC é dividido em três eixos que são os FTP que são os módulos onde os alunos tem as disciplinas de maneira diferenciadas, onde as cadeiras são organizadas de maneira diferente, a maneira das aulas, modelos de avaliação, tudo para autonomia do aluno.

O PAs são os projetos de aprendizagem para que o alunos possam incluir e tentar resolver as questões da comunidade.

As ICHS são interações culturais humanísticas que visam o unir todos os alunos e a comunidade em oficinas que possam agregar valores, conhecimento e educação a todos.

Então desde a primeira aula na universidade, me senti muito livre para conhecer os colegas, conversar sobre os assuntos abordados nas aulas primeiramente por causa do modo como as carteiras eram organizadas em um círculo, dava uma impressão de “prosa”, e o professor estava mais perto dos alunos, incentivando a interação. Era gostoso ouvir a todos porque nos sentíamos a vontade para falar o que pensávamos sobre qual fosse o assunto sem nos sentir sendo julgados pelo professor. Os professores procuram estar sempre abertos a novos questionamentos, mesmo sendo muitas vezes repreendidos por alunos que estavam muito acostumados com a educação tradicional e os seus requisitos. Uma grande experiência de troca de informações e conhecimentos, pois os alunos não eram todos Assistentes Sociais, muitos eram psicólogos, educadores, professores de biologia e até mesmo formados em administração e estávamos todos ali abertos para troca.

#### **f. Clínica Terapêutica de Alta Complexidade Univida**

Atualmente, entro como Assistente Social nessa clínica terapêutica a que vim conhecer localizada em Colombo, bairro Palmital. Um lugar que esta sendo reaberto há seis meses e conta com pessoas preparadas para lidar com pacientes menores infratores, ou destituído de família

#### **O FIM PARA UM NOVO RECOMEÇO**

Posso dizer que foi muito difícil compreender realmente o que se esperava desse trabalho, pois é um trabalho de conclusão de curso baseado em uma metodologia alternativa onde me encontrei “livre” para escrever sobre o que eu quisesse desde que através do tema acontecesse uma compreensão pessoal sobre: “da onde eu vim, onde eu estou e aonde eu quero chegar”.

Pelo relato que fiz, vim de escolas - “gaiolas”, com o método de aprendizado tradicional, formada em uma faculdade pautada em normas e regras onde procurava me encaixar, porém sem nenhum vínculo e identificação com o método. Tanto para mim como para a grande maioria dos estudantes de escolas com abordagens tradicionais, tinha dificuldade em me enquadrar no perfil e ritmo dado a todos em sala de aula, acredito que não era real aquela sincronia de aprendizado igual a todo, porém é raro quando um aluno se pronuncia, é comum se reprimir e esconder suas diferenças por sentirem que em uma escola tradicional ser diferente é tratado como um defeito.

Para vir a conhecer melhor esse mundo de metodologias alternativas e chegar a uma conclusão do que acredito ser realmente necessário para que outros estudantes, sejam crianças ou adultos, não se sintam prejudicados e ultrapassados no seu ambiente de aprendizado, me aproximei do processo de luta pela educação. Inicialmente quando estive na pós-graduação na UFPR, e analisando junto o fato de dentro desses vinte anos em contato com a educação somente depois de vivenciar por um ano e meio a graduação, ser parte de um grupo de mediação formando pelo educador Valdo Cavallet, conhecer os livros de autores falando sobre a educação, apresentando olhares distintos, ter feito parte de conversas, presenciado debates, passado dias

participando do Conane, através disso conhecendo pessoas realmente apaixonados pelo que fazem, eu consegui ser capaz de quebrar paradigmas referentes à educação tradicional, e em busca da emancipação na educação nas escolas e desenvolver uma nova visão para a palavra “estudar”, (palavra vista culturalmente por uma obrigação, um “peso nas costas” dos estudantes). Pelo que apresento foi um rico processo, pois é muito difícil romper com ideias colocadas na sua cabeça por todos desde que nasceu. Não tem como compreender sem existir o seu tempo de entendimento de acordo com o que você viveu durante todos esses anos.

Além disso, a oportunidade de conhecer novas metodologias esta sempre “apagada” pelo fato de as instituições de abordagem padrão se negligenciar a falar de qualquer processo evolutivo que esteja acontecendo que distinga dos seus para preservar os conceitos tradicionais que oferecem.

Com esses aprofundamentos percebo o quão é fundamental a divulgação das metodologias alternativas, o quanto ela já devia estar inserida nas escolas e principalmente quando o aluno ainda é criança por ainda não estar com vícios de cultura passados pelos adultos que convivem. Só assim será possível a criança percorrer o caminho da educação sem se frustrar quando perceber em si mesmo uma característica única e marcante, e nem ser reprimido por ser algo que o difere dos outros, e sim que os métodos alternativos venham para desenvolver as diferenças, para que elas sejam usadas a favor das pessoas. Infelizmente, a tendência é as pessoas se encaixarem no método tradicional, terminarem seus estudos acreditando que aprenderam o que há de mais importante, e muitas vezes saírem da instituição sem o mínimo de desenvolvimento de si próprio em relação à sociedade em que vivem, sequer lembram ou estão preocupados com pessoas diferentes do “padrão comum”, os excluídos da sociedade ou com as diferenças de classe social. Carregam com si um vício cultural de camuflar seu preconceito até de si mesmo, pois não foram apresentados a esses assuntos de uma maneira aberta que poderiam aproxima-lo de uma visão melhor de mundo. Com esse déficit em sua formação se torna cada vez mais difícil conseguir extrair a essência e a verdade ao ser humano.

Ao entregar esse trabalho há uma nova sensação além de ter adquirido uma especialização em meu currículo, me sinto capacitada a um entendimento que me emancipa da educação baseada em padrões tradicionais. Tive a oportunidade de ser mais desenvolvida na forma de agir no mundo no quesito de educação, onde estava condicionada a sempre concluir algo que me sentia na obrigação. Aprendi que para fazer algo bem feito é necessário que seja feito porque eu sinto vontade de fazer não por obrigação, que seja feito com alegria e com amor.

Hoje me vejo me unindo a uma luta que faz parte da minha história, quero poder conscientizar grupos de pessoas, desde a educação infantil até a faculdade que é quando esta se construindo nossas opiniões e caráter.

Me encontro conhecendo um novo desafio de poder estar procurando exercer minhas técnicas e conhecimentos adquiridos, dentro do meu novo emprego na área de Serviço Social, em uma clínica terapêutica de alta complexidade, onde sonho em poder inserir a vida de cada um dos pacientes a opção de outros caminhos de aprendizado, e de vida. Dentro de todo esse trabalho me baseei na educação nas escolas, porém hoje me deparo a uma oportunidade de inserir um projeto em um local totalmente diferente de tudo que vivenciei, irei contar com a nova pós graduação da UFPR, “Metodologias Alternativas de educação” que está sendo criada pelo meu Orientador Valdo Cavallet e a professora Lenir e dentro dela procuro encontrar a base para criar o meu projeto de educação “Projeto de vida” para exercer aos pacientes da clínica Univida.

E que essa história continue...





## REFERÊNCIAS

MARIA DA GRAÇA NICOLETTI MIZUKAMI – ENSINO: AS ABORDAGENS DO PROCESSO. (REFERENTE AO NÚMERO 1 NA PÁGINA 9 DO MEU TEXTO EM “FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA”)

ALVES RUBEM – GAIOLAS OU ASSAS, 2011 poema.  
<http://aiyelujara.blogspot.com.br/2011/03/ha-escolas-que-sao-gaiolas-e-ha-escolas.html>.

STELLA MARIS VELOZZO ALMEIDA – METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA PRÁTICA DE ENSINO.

APRENDER EM COMUNIDADE – PACHECO

PARA ALICE COM AMOR – JOSÉ PACHECO

ENSINAR A VIVER – MANIFESTO PARA MUDAR A EDUCAÇÃO – EDGAR MORIM.

LIVRO DE HISTÓRIAS “LIVRINHO” – Simão Izadora, ano 2000